

The background of the page is a photograph of a brick wall. The upper portion of the wall is made of standard rectangular bricks, while the lower portion features a decorative pattern of smaller, rounded bricks. At the very bottom of the image, a cobblestone path is visible, with small green plants growing between the stones.

Sirlei Griziele da Silva Moreira

sirleipsico2014@outlook.com

Bacharel em Psicologia, Pós-graduada em Psicanálise Winnicottiana pela IBPW (Instituto Brasileiro de Psicanálise Winnicottiana) e Pós-graduanda em Psicologia Clínica com ênfase em Psicanálise Winnicottiana pela UNICSUL (Universidade Cruzeiro do Sul).

RELATO DA PRÁTICA

CASO PIO

Encontros e reencontros

Imagem de Daniel Nebreda

CASO PIO – ENCONTROS E REENCONTROS.**PIO CASE - ENCOUNTERS AND REUNIONS.****CASO PIO - ENCIENTROS Y REENCIENTROS.**

Em meados de julho de 2004 participei como voluntária em um evento organizado por uma instituição religiosa em um pequeno bairro de São Paulo, onde eu morava. Nessa época não tinha nenhum conhecimento sobre psicologia e a faculdade era tão somente um sonho que não ousava admitir.

O objetivo desse evento era ofertar às crianças momentos de lazer no período das férias escolares, época propícia à acidentes domésticos, já que as crianças ficavam em casa enquanto os pais continuavam trabalhando, oferecendo a eles outras possibilidades de vivências em função das vulnerabilidades sociais envolvidas. Nos reuniríamos durante três dias consecutivos na parte da tarde com brincadeiras, histórias, doces e café da tarde.

Como todos os anos em que participei, fiquei responsável em cuidar de uma sala com crianças em uma faixa etária próxima a segunda infância (dos 5 aos 6 anos). Após nos reunirmos no salão principal de um templo religioso local, cantarmos, brincarmos e nos apresentarmos, as crianças de 5 e 6 anos eram conduzidas para uma respectiva sala onde daríamos continuidade nas atividades lúdicas.

Ainda no primeiro dia, uma criança se destacou. Irei chamá-lo pelo nome fictício de Pio. Ele tinha aproximadamente 8 anos e não queria permanecer em sua sala. Lembrei de tê-lo visto no salão principal enquanto algumas “tias” tentavam contê-lo.

Não pretendo de forma alguma destacá-lo nesse evento, pois todas as crianças se soltavam e ficavam muito a vontade, pois tudo era ofertado para elas. Mas ele era uma das poucas crianças que as tias pediam para se sentar, ouvir, ter cuidado com seus colegas. Todavia, quanto mais falavam, mais ele parecia querer, supostamente, a atenção de todos.

Não demorou muito para que fosse considerado “*persona non grata*” e retirado de cada sala em que entrava. Porém saía sempre com um sorriso de satisfação, como quem alcançou um objetivo.

Por que aquele sorriso de triunfo? Qual a intenção, mesmo que inconsciente, de uma criança ao provocar e chamar a atenção para si de toda uma sala, incluindo crianças e adultos?

Sim, a criança me chamou a atenção. Por quê? Não sei. Idade aproximada do meu filho? Sorriso de quem disfarça uma dor? Necessidade de ser notado? Talvez todas essas questões. Ao olhar para Pio, algo despertou em mim. Talvez WINNICOTT (2020, p. 21.) daria o nome de “unidade entre duas pessoas”.

Como bem disse o mesmo autor em “Bebês e suas mães” (2020), as mães já foram bebês e trazem em si as memórias de terem sido cuidadas. As mães sabem, simplesmente sabem, quando o bebê precisa ser virado, quando necessita de colo, quando choram de frio.

Quando por fim chegou a minha vez de “aturá-lo”, pois era assim que estavam administrando a questão, descobri que sua irmã caçula estava sendo cuidada por mim. Decido, em um ato de maternagem totalmente inconsciente, incluí-lo nesse cuidado e peço-lhe que me ajude com as outras crianças. Disse-lhe que ele seria meu ajudante e que eu precisava do seu auxílio já que não estava dando conta de tantas crianças e pude notar novamente o sorriso. Foi um misto de atitudes, ora me ajudava e distribuía os materiais, ora tomava os materiais que havia distribuído e provocava as crianças. Mas em todo momento eu estava ali para intervir e orientá-lo e assim ele permaneceu em minha sala durante toda a tarde.

No dia seguinte, todos torciam para que o pequeno garoto não voltasse. Mas insistentemente, ele estava lá. O que levava uma criança tão pequena a agir de forma agressiva com os amigos e professores? Por que retornar em um ambiente que o hostilizou?

Segundo Winnicott (1987, p. 89.), de todas as tendências humanas, a agressividade é a mais disfarçada, porém inerente à nossa condição de ser humano. Amor e ódio estão presentes em todas as relações, do bebê que morde o seio da mãe ao bebê que acaricia o seu rosto. Todavia a agressão pode ser um sintoma do medo. A criança quer sentir-se amada, porém sente-se impotente de consegui-lo por meios próprios, e então ele retorna ao ambiente onde foi “visto, notado”. Acredito que Pio pode odiar-se a si mesmo, mas retorna, na esperança de encontrar alguém que suporte o seu ódio. É uma busca pela cura.

Seus irmãos, três no total, foram para suas salas e ele acompanhou a pequena para a sala dela. Ao chegar perguntou-me em tom de súplica, quase inaudível, se poderia ficar ali e eu prontamente respondi que sim. E assim também foi no dia seguinte, quando finalizamos os trabalhos com muitos abraços, beijos e doces.

Passando aproximadamente uma semana, estou em minha casa com meus filhos quando ouço a campainha tocar. Ao sair na sacada e olhar para baixo vejo uma criança olhando pela fresta do portão. Pergunto-lhe quem é e seus olhos se voltam para cima, posso então ver aquele sorriso de dentes grandes, era ele, Pio, o menino que acompanhei durante os dias anteriores. Convidei meu amiguinho para entrar e ele então me presenteia com uma cartinha e muitos enfeites de *biscuit* que sua mãe havia feito especialmente para mim. Ele timidamente me conta que tocou a campainha de todas as casas da rua perguntando se ali morava a tia Sirlei, até me encontrar.

Me encontrar... eu havia sido perdida? O que havia de latente nessa ânsia de me encontrar? O que realmente havia se perdido?

Sabemos sem muitos esforços que as crianças precisam de um ambiente (setting) estável para resolver seus conflitos de amor e ódio. Esse ambiente é proporcionado, geralmente, no início da vida, pela figura materna ou por quem desenvolve a maternagem. Não é necessário nenhum conhecimento teórico ou especializado para desenvolver essa função, Winnicott (2020, p. 18.) assegura que este cuidado é desempenhado pela “mãe dedicada comum”, tão somente se adaptando às necessidades do seu bebê.

E quando esses cuidados são perdidos? A mãe tem uma identificação com o seu bebê, adaptando-se a ele e essa relação é satisfatória, porém um colapso se instala. No livro “Bebês e suas mães” (2020, p. 23.), o autor cita algumas possibilidades: a mãe adoeceu e morreu, a mãe tem novos filhos ou a mãe ficou deprimida. Como lidar com a privação?

A criança perde os cuidados que outrora obteve e passa a ser considerada desajustada, o ambiente é o lugar que a própria criança responsabiliza por manejá-lo. É uma necessidade que alguém facilite os estágios do processo de amadurecimento psicológico e emocional.

A agressividade é uma forma de dramatizar a realidade interior que precisa de alguma forma ser externalizada (WINNICOTT, 1987, p. 90). O autor fala de uma “reparação materna” (WINNICOTT, 1987, p. 93), seria uma forma de atenuar os danos causados pela falha ambiental.

E assim iniciamos uma rotina, sempre que possível ele retornava. Sempre com um bilhete e coincidentemente no horário do café da tarde. A criança chegava ávida por ligar a tv, pois já havia me contado que não tinham televisão em casa e seus olhos não desviavam da tela enquanto falava ou comia. Por vezes trouxe os irmãos, mas era visível seu comportamento de posse em relação a mim, eu era sua descoberta.

Todos nós somos seres sociáveis, nascemos diferentes de todo o reino animal. Não viemos ao mundo equipado com um conjunto de instinto que nos diz como sobreviver e nos relacionar com os mesmos da nossa espécie.

A figura materna é de extrema importância nesse momento, pois apresentará o mundo em pequenas doses para o bebê, respeitando seus limites, mesmo sem nenhuma aula prévia de como o fazer.

Como bem disse Winnicott (2020) somos anfitriões de um novo ser. O autor bem nos lembra que o bebê não escolhe sua mãe, ele apenas aparece, e a mãe tem um tempo para se adaptar.

A mãe suficientemente boa é aquela mãe que se dedica ao seu bebê. A mãe é o bebê, e o bebê é a mãe. Segundo o autor não há nada de místico nisso, é algo realizado com a destreza de uma especialista que não necessitou sentar-se para aprender, ela tão somente sabe. E eu de alguma forma, sabia. Sabia que precisava “segurar” (holding) aquela criança, sentia qual era a sua necessidade, como se eu fosse ele e ele fosse eu.

A mãe também apareceu em um dia, mas somente até o portão. Agradeceu a forma como eu havia o acolhido e disse que eu poderia brigar-lhe caso fosse necessário. Essa criança tornou-se amiga dos meus filhos que o tratavam com muito carinho e sua presença era natural no meio de nós.

Ele cresceu, tornou-se um adolescente e suas visitas foram espaçadas até que não nos vimos mais. O tempo também passou para mim, meus filhos cresceram e eu resolvo então sonhar. Tiro da gaveta o projeto da faculdade de psicologia e por fim realizo esse sonho.

Já formada, atendo um jovem adulto no modo online que reside na cidade onde eu morava anteriormente. Após pouco mais de um ano, ele decide interromper seu atendimento e me pede que, em seu lugar, eu atenda o seu sobrinho. Conta-me que não consegue pagar a psicoterapia dos dois, porém está decidido a pagar somente a do filho da sua irmã, que não passa por um bom momento.

Decido incluir o novo paciente em um plano social e chegamos a um valor confortável para ele contribuir na saúde emocional do sobrinho. Ele então, passa meu número e o jovem entra em contato comigo. Agendamos a primeira sessão, também no formato online e ao efetuar a chamada de vídeo, o jovem se encontra dentro de um carro, com iluminação precária. Porém sua voz e sua dicção eram familiares, atentei-me ao nome e ao bairro e não havia mais dúvidas, era ele! Meu amiguinho voltou, ele sabia quem eu era e lembrou os eventos de sua infância e todas as vezes que esteve em minha casa. Contou-me que estava com 26 anos e morando com uma moça, tinha uma filha de um ano e a esposa estava gestante da segunda filha.

Dessa vez pede ajuda de forma consciente e eu por fim posso orientá-lo instrumentada em uma maternagem que dessa vez sobrepuja meus instintos de mãe, estou munida com a teoria daquele que soube compreender a relevância dos cuidados básicos desde a concepção na vida do indivíduo. Cuidados esses que fluíram de forma natural há cerca de 19 anos e que agora é lapidado através dos conhecimentos adquiridos pela teoria da psicanálise sob olhar atento de Winnicott.

Referências

Winnicott, D. W. (2020) *Bebês e suas mães*. São Paulo: Ubu Editora.

Winnicott, D. W. (2002) *Privação e Delinquência*. São Paulo: Martins Fontes .

COMO CITAR ESTE TEXTO

Moreira, S. G. S. (2022) Caso Pio – Encontros e Reencontros. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, v. 08, n. 01, 42-51.

RECEBIDO EM: 11/11/2021
APROVADO EM: 08/05/2022